

# A ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

"Os brasileiros devem orgulhar-se tanto da expedição de Martim Affonso como os americanos da "Mayflower". Se já tivéssemos espírito nacional; se soubéssemos o que é tradição e o seu caracter educativo; se já tivéssemos compreendido que o divino egoísmo da patria é a forma mais elevada do instincto de conservação; se seguíssemos, no que tem de bom, o exemplo dos norte-americanos, que guardam no Capitólio de Boston, como uma reliquia, a "Relação" de Bradford, — vassando, a 22 de Janeiro de 1933, isto é, dentro de poucos mezes, o quarto centenário da expedição de Martim Affonso, já a estas horas um grande movimento de investigação estaria coligindo quanto se lhe refere para commemoral-a condignamente".

Essas palavras foram escritas em 1929, pelo brasileiro que tem a honra de vos falar nesta sollemnidade.

Graças a Deus que a expectativa implicita, naquelle appello foi ultrapassada, e que S. Paulo ainda achou orças, nos atormentados dias que estamos vivendo, para a magnificencia e o esplendor desta commemoração, que vale por uma affirmação de energia e de fé.

A data de hoje é a mais alta da nossa historia. E' o verdadeiro natalio do Brasil. Pedro Alvares revelou-lhe o territorio. Martim Affonso trouxe-lhe o espirito, a vida, a alma que iam animal-o.

Bem podia Malheiros Dias, na "Historia da Colonização Portuguesa no Brasil" monumental archivo das nossas origens, dizer que elle trazia o embrião de um mundo. Em verdade, Martim Affonso trazia a bordo da sua armada o Brasil.

Todos os lineamentos do Estado ahi se desenhavam. Aquelle sociedade primitiva não falta um só dos elementos essenciaes. E' só deixal-o crescer e ahi está o Brasil de hoje. Vida religiosa? — Não veio o capellão? Vida jurídica? — Não veio o juiz? Vida administrativa e politica? — Não veio o Governador Geral para organisal-a? Vida nacional? — Não veio Portugal para crial-a, defendel-a, garantil-a?

Não veio só Portugal, veiu também o portuguez. Veiu o portuguez, o mais eugenico dos povos, o sangue dotado do maior poder assimilador que se conhece. No cruzamento com outras raças a sua casta prevalece e reduz-as, ao cabo de certo tempo, a sua especificidade. Graças a ella as nossas sub-raças se amalgamaram num producto que é a synthese, o resumo, a flor e que será um dia a gloria da raça latina.

Anthropologicamente forte, a obra do portuguez no Brasil corresponde á sua rizeja. Só no capitulo das fortalezas com que elle nos conseguiu defender da cobra estrangeira, haveria um mundo de coisas a dizer. Não ha um ponto das nossas costas, que precisasse de um forte, que lá não encontremos. As obras das fortalezas de Santa Cruz e do

"Príncipe da Beira" parecem de titans.

Não foi ao Deus dará que cresceu o Brasil. Foi com a vigilancia e o trabalho. Foi defendendo seus portos e fronteiras. Foi consolidando a paz por um grande preparo para a guerra. Foi criando gerações e gerações de engenheiros militares, inexcelsíveis e inexcelsíveis na época, como esses admiráveis Alpoim, André Ribello e Fortes que a recente obra de Felix Pacheco, modelo de exegese e de bibliophila, veiu pôr em tão grande evidencia.

Medida do que foi o engenheiro militar portuguez seiscentista, temol-a na Trindade. O corte do Porto da Canoa, num rochedo a pique, é um trabalho cyclopeo. O artilhamento desse rochedo vulcanico e o seu povoamento, tão difficil que foi abandonado, demonstram uma energia sobrehumana.

A POLITICA DO SEGREDO  
O Brasil já era conhecido de Portugal antes da expedição de Pedro Alvares. Duarte Pacheco Pereira, o autor do "Esmeraldo de Situ Orbis", o deixa provado em mais de um trecho: "... e na quarta parte (da terra ou Quarto Continente) e na quarta parte que Yossa Alteza "mandou descobrir" além do oceano", assim escrevia ella a D. Manuel.

Pedro Alvares Cabral veiu officialisar o conhecimento do Brasil e documentar a prioridade portugueza na sua conquista. A "politica do segredo", mantida a custa de ingentes esforços, estava prestes a ser conhecida. Era um golpe habil inutilisal-o, antes que os espioes genovezes, venezianos, hespanhoes e francezes rasgassem os veus que a envolviam. Não era possivel manter, por mais tempo o mysterio de "uma tão grande terra firme". Piratas de todas as nacionalidades riam da grandeza do mar oceano e aprovavam para o desconhecido.

Urgia officialisar o descobrimento e registrar-lhe os titulos. Foi o que fez Portugal, Communicou ao Vaticano, o grande cartorio da época, a Immissão da posse de Pedro Alvares. Escreveu a notificação aos reis de Hespanha e França. Era um golpe de mestre que consolidava uma situação jurídica.

O arbitro da christandade não podia deixar de reconhecer a Portugal os dois elementos da posse, no velho conceito do Direito Romano. O "corpus", isto é, a materialidade do appropriation, dara-lho Pedro Alvares. O "animus sibi habendi" ella o chancelava no fóro, a que teitu de chamar os possiveis concorrentes. E' de imaginar a cara com que ficaram, é de imaginar como não deram ao diabo a cartada, quando receberam de d. Manuel a nova do descobrimento os seus "bons irmãos" de França e Hespanha.

Mas era tarde demais. Pedr' Alvares entregara a Portugal a nova terra. E, tendo-a collocado acima de possiveis usurpações, zarpou do Brasil, onde nunca mais voltou.

Chantada a cruz em Porto Seguro, firmada estava a posse e com isso a sua missão. Chantou-a e fez-se de vela para a India, a encher os porões de pimenta, o grande negocio da época.

OS CONCORRENTES  
O Direito era nesse tempo tão relativo como hoje. Os povos navegadores davam ao Vaticano mais ou menos a mesma importancia que as nações de hoje á Corte de Haya. Muita deferencia e muito respeito emquanto não sobreviesse a necessidade de esquece-los.

Começaram a rondar e a explorar a terra de Cabral. O francez já era muito agil de espirito e muito subtil para dizer que os relatorios ao Papa e ás potencias europeas não passavam de trapos de papel. Francisco I não os quiz rasgar, preferindo dispersal-os ao sopro da ironia: "mostrem-me o testamento em que nosso pae Adão levou aos reis de Portugal e Castella as terras dos nossos descobrimentos".

E se assim pensava, melhor o fazia. Carteava-se com o rei de Portugal. Derramava-se em protestos de fidelidade. Todos sabemos o que isso vale. Mas aquella os piratas de Dieppe e Honfleur os virem explorar as nossas costas. E quando Portugal os pegava com a bocca na bota lavava as mãos: — eram tão insubmissos aquelles seus vassal-os!

A CRISE EM PORTUGAL  
Portugal não podia occupar-se com a terra de Santa Cruz. Debatia-se numa crise terrivel. Em 1503, a crise da pimenta, "o lume dos olhos de Portugal", como lhe chamava Gaspar Correia, abalou os seus allecezes economicos e financeiros. Lisboa ficou aturdida e faminta. Vivia da pimenta como o Brasil do café. E a maré da super-produção veiu reduzi-la á miseria. Vasco da Gama, na segunda expedição, volvera com os porões atulhados de 26 mil quintaes. O governo decretou a estabilização: 20 cruzados o quintal de pimenta normal era 30. E o "stock" se accumulava na casa da India, subindo em 1504, depois das chegadas de Affonso de Albuquerque e Fernão Soares, a mais de 50 mil quintaes. Inda não se inventara o processo da queima, como solução de crises. Mas já se conhecia a valorização. O Estado, isto é, el-rei, valorizou a pimenta. Impoz um preço razoavel, como a falta de concorrentes lhe permitia, e Portugal começou a nadar em dinheiro. Tão grande era o valor desse commercio que Antuerpim lhe deveu o seu esplendor, por se lhe tornar o grande entreposto no Norte europeu. Por mais de um seculo viveu Portugal dessa especlaria. "E' a coisa mais importante que des-

Conferencia do dr. Baptista Pereira em 22 de Janeiro do corrente em S. Vicente

sas partes vem para minha fazenda", dizia d. João III em carta ao vice-rei da India. "Era a razão de ser de Portugal como unidade no mundo economico", attesta Lucio de Azevedo no seu admiravel estudo "E'pocas do Portugal Economico".  
Desafogado da crise, organisados os negocios da India, começou Portugal a pensar nas terras cabralinas. Tinha noticias certas de que os rivaes, principalmente os francezes, gaviões da altaneria maritima, a andavam achorando de voo alto. Mandou uma armada de guarda-costas escumar o nosso litoral de aventureiros. Não teve outro fim a expedição de Gonçalo Coelho. Os Açores e gerifaltes de São Malo foram daqui escorraçados. O ironico Francisco I sentiu que as duzentas velas armadas por d. Manuel eram um argumento bem mais valioso que o testamento de Adão...

ANTECEDENTES DA EXPE. DIÇÃO  
Tres periodos tem a nossa colonização na época. A chancellaria da posse por Pedr' Alvares. A limpeza dos mares por Gonçalo Coelho. A criação de uma nação por Martim Affonso.

O curioso na historia de Portugal é o papel da intelligencia. Nada do que criou foi fruto do imprevisto.  
O nivel mental da raça não lhe consentia absorver-se no immediatismo. Surda á grei de Panurgio, nunca se escravizou ao chamado senso pratico. Olhou sempre o futuro. Emquanto outras nações limitavam a sua actividade ás questões de momento e ás soluções empiricas, o pequenino Portugal gisava as linhas e delineava os planos de empreendimentos que não podiam amadurecer sem a collaboration dos seculos.

Quem estudar a historia synchronica da Europa quinhentista, quando os sabios e humanistas portuguezes eram disputados para ensinar nas Universidades estrangeiras, quando a autoridade de seus navegantes e cosmographos começava a substituir a de Ptolomeu, comprehe com essa nação de dois milhões de almas chegou a ser a primeira potencia do Universo. O thesouro da sua intelligencia supria a todos os gastos da sua ambição.

Repto: em nenhum outro paiz transparece tão claramente o poder criador da intelligencia. Nada do que Portugal conseguiu foi obra do acaso, desse acaso que expulso da Inglaterra os puritanos da "Mayflower", os futuros colonisadores dos Estados Unidos, desse acaso que os exilou na Hollanda, cuja tolerancia religiosa os escandalizou a tal ponto que, para fugir-lhe, deram de prôa para o desconhecido.

Como criou elle o seu poder naval?  
Vendo que a solução do seu problema estava no oceano. Intelligencia. Submettendo a rija e rude marujada que nos pintam as taboas de Nuno Gonçalves á escola e á disciplina. Intelligencia.

Mas onde culmina a precisão e descoartino portuguez é no reinado de D. Diniz. Genova era a rainha incontestada dos mares. A sua ciencia da navegação, herdada dos phenicios e arabes, a maior da época. D. Diniz, apesar de poeta, planeja simplesmente esta coisa extraordinaria: contratar uma missão maritima genoveza.

Não tem ridiculas susceptibilidades nativistas, nem improcedentes orgulhos. Antecipa o descoartino dos japões, assimilando o esforço e a experiencia alheios. Investe um estrangeiro, o genovez D. Miguel Pezagno, no posto de almirante da Armada Portugueza. Nomeia genovezes alcaides e arralzes das suas galés. Põe sua esquadra á altura das melhores da época. Não sabe para quem, mas está preparando um formidavel instrumento de poder e conquista. O futuro lhe dará o homem que lhe recolha o esforço. O infante D. Henrique surge com o seu gabarito negro no promontorio de Sagres.

D. Diniz fez. D. Henrique exatou. E ambos o que foram senão a intelligencia, vista primeiro em abstracto, na ideação, e depois no concreto, na execução?  
Não foi de outra maneira que surgiu o Brasil. Neste ainda é mais claro e mais nudo o poder criador, a intelligencia, fagulha divina que Dante chamou: "il primo mobile".

O espirito portuguez sente para logo o valor da nova terra. Diogo de Gouveia, de Paris, tem-na obsessivamente ante os olhos. Insiste uma, duas, tres, não sei quantas vezes com el-rei que a não perca de vista, que a povoe, que a colonise. E não passava de um humanista, sem pretensões a homem de Estado!

Martim Affonso, por sua vez, está de volta em Lisboa, no Paço. A anedocta que então ocorre não teria sentido algum, se não imaginarmos que, fascinado pela sua capitania, não falava noutra coisa. Disse-lhe el-rei: "Martim Affonso, ao que vejo me aconselharias a mudar-me com a minha corte para a nova terra?" — "Porque não, alteza? Se poderéis alli criar um dos maiores reinos do Universo?"

Neste episodio, de que nos guardo creio que Gaspar Correia, as palavras textuaes, de que dou aqui a interpretação e o sentido, vê-se mais uma vez a falca da intelligencia atravessando as cerrações do porvir como um feixe de holophote que chegasse aos nossos dias. Na expedição de Martim Affonso,

tudo se engrena, dispõe e ordena. Um pensamento superior a tudo preside. Sem desinfiestar o litoral de piratas, toda e qualquer colonização seria precaria. Seus marinheiros e soldados, adstrictos á mais severa disciplina, são os primeiros do mundo. Mão de ferro traz a nação unificada e cohesa na disciplina e no respeito. Expulsar francezes e hespanhoes é um brinquedo.

Como sabe da necessidade urgente da sua intervenção? Dois aventureiros, Henrique Montes e Gonçalo da Costa, genro do mysterioso bacharel, este na Armada de Diogo Garcia e aquelle na de Caboto, partiram destas plagas para a Europa. Ambos lhe prestaram informações sobre as terras que haviam deixado. A admiravel conferencia de Eugenio Castro, ante-hontem realisada no Instituto Historico, regista-o documentadamente.

Esse conhecimento do pé que os hespanhoes estavam tomando aqui deve ter contribuido para apressar a expedição de Martim Affonso, na qual regressou como informante Henrique Montes, cuja presença nessa armada é tão impressionante como a de Duarte Pacheco Pereira na de Cabral.

MARTIM AFFONSO  
Quem foi elle? Um nobre portuguez, um militar portuguez do seculo XVI, e isso bastaria para defini-lo. Mas vejamo-l-o de mais perto. Filho de Lopo de Souza, a gerar chia do pae se revela na amizade de Gonçalo de Cordoba. E' com elle que se hospeda aquelle que os hespanhoes chamam "el gran capitán", Martim Affonso fica-lhe ás ordens: uma especie de addido. A' despedida passa-lhe aos hombros um collar de ouro. O noz' estremece. O presente lhe tó a ao orgulho como uma retribuição disfarçada das fmezas paternas. Recusa. Criado e crescido junto com o futuro rei de Portugal tem o mesmo melindre e a mesma susceptibilidade. Recusa.

Gonzalo de Cordoba comprehende. E' da mesma escola, a escola de Carlos V. Sente que está diante de um verdadeiro fidalgo. Tem um gesto de rara belleza: tira do cinto a propria espada e passa-lha ás mãos, dizendo: "Ora, senhor, bem vos entendo, deveis de querer armas..." E elle a tomou com grande acatamento e muito a estimou, trazendo-a sempre consigo.

Dizem que a espada de Martim Affonso este em S. Paulo, onde passou do Museu Sertorio ao Museu do Estado. Conta o padre Galanti que tem no verso da lamina a inscripção: "Não me saques sem razão" e

so, tudo se engrena, dispõe e ordena. Um pensamento superior a tudo preside. Sem desinfiestar o litoral de piratas, toda e qualquer colonização seria precaria. Seus marinheiros e soldados, adstrictos á mais severa disciplina, são os primeiros do mundo. Mão de ferro traz a nação unificada e cohesa na disciplina e no respeito. Expulsar francezes e hespanhoes é um brinquedo.

Martim Affonso nasce com o Brasil em 1500. Parece que o destino quiz sellar com essa coincidência a sua missão. Mas não é tudo. Não lhe lastou ficar em S. Vicente. Quiz conhecer o interior. Transpoz a Serra do Mar, encontrou-se com João Ramalho em Santo André e chegou a Piratininga, onde assignou a sesmaria de Pero Góes. Não foi o fundador de S. Paulo porque a primeira Piratininga não conseguiu medrar. Foi, porém, o primeiro a ver o partido a tirar dos sertões, o primeiro que assignou um documento juridico em Piratininga, o primeiro a mostrar a necessidade de vingar a Serra do Mar.

A expedição de Martim Affonso é um modelo de previdencia e descoartino. Foi preparada com um tino e um cuidado de que não ha exemplo nas congeneres. Vinha organisar o Brasil. Nada esqueceu da sua missão.

Desembarcaram com Martim Affonso o juiz, o capellão, e o almotacé, isto é, a organização judicial, ecclesiastica e fiscal. Marinheiros e soldados, desceam colubrinas, falconetes, bergos, a rudimentar artilharia da época; as milicias começavam a velar o berço do recém-nascido. Ferreiros, alfaqueiros, calafates, pedreiros, pescadores, fabricantes de redes, começavam a constituir a "cidade" na symbolica expressão de Fustel de Coulanges. Fundou-se o primeiro cartorio. Abriu-se o primeiro livro de actas municipaes. A vida colectiva, a consciencia colectiva nasciam. Não era uma expedição que chegava; era um arrabal que surgia. Inaugurava-se o Brasil.

Affeitos a admirar o estrangeiro e a detrahir o que é nosso, só agora começamos a reivindicar a significação real do evento que hoje celebramos. Nossos escriptores (e nem mesmo os maiores escapam a essa observação) extasiam-se ante a "Mayflower" e os seus puritanos e attribuem a grandeza dos Estados Unidos á qualidade dos expedicionarios, á sua energia, á sua fé e desdenham da expedição de Martim Affonso, muito mais importante,

muchos mais gloriosa, muito mais eficaz.

Pura illusão, desfeita hoje pelos proprios americanos, que confessam que o valor da expedição de Bradford e seus companheiros é apenas symbolica. Frutos reaes não deixou. Foi mal e deficientemente organizada. Quasi todos os tripulantes da celebre nau morreram á mingua, dizimados pelas privações, devido á imprevidencia com que se haviam apercebido de recursos para uma instalação numa terra praticamente deserta.

Note-se que a "Mayflower" tentou a sua colonização 37 annos depois da affonsina, quando já os recursos eram outros.

Muito antes de 1612, data dos "Pilgrims", já era S. Vicente uma povoação prospera e pollicida, onde floresciam mais de cincoenta engenheiros de cana. Já as grandes figuras de Aspiscueita Navarro e Anchieta tinham aprendido a lingua dos indios e escripto a sua grammatica.

Mas, não é tudo. Com o sangue dos martim-affonsinos deuse o phenomeno da duplicação do grão do trigo nos escaques. Um grão dobrado de causa em casa, nas sessenta e quatro do taboleiro de xadrez, sube a algorismos astronomicos. Aplicado o calculo ao Brasil dá-se o mesmo: verifica a genitura que raro é o brasileiro que não tronca naquella forte e gloriosa progenie.

GENEALOGIA  
S. Paulo é um lugar privilegiado para esses estudos. Frei Gaspar da Madre de Deus e Pedro Taques correram os seus velhos cartorios a tempo de levantar a arvore de costado da maior parte de suas familias. Luiz Gonzaga da Silva Leme, na "Genealogia Paulista", codificou os seus trabalhos. Ricardo Gambleton Daut, Augusto Cardoso, Moretzohn, Leoncio Gurgel, João Baptista de Souza Filho, Aleantara Machado, sem falar no benemerito e incansavel Taunay, numa serie de monographias têm dado grandes contribuições ao estudo das origens paulistas. Washington Luis fez traduzir pelo grande paleographo Manuel de Souza e publicar os velhos documentos que estavam apodrecendo nos cartorios. Por ahi se vê que raro é o brasileiro que não tenha um martim-affonsino. Será futilidade esse estudo? Para mim é de fé que não. Creio no atomismo e na hereditariedade. Por que recusar ao homem o livro de linhagem que se não recusa aos puro-sangues?

Não conheço estudo mais leve, ameno e proficuo do que o genealogico. Nenhum põe o individuo num contacto mais forçado com a historia, com a chronica ou com a tradição. Nenhum tor na mais claras as linhas que pontuam, através dos seculos, a tela da civilização.

Rara é a familia paulista que não descenda dos companheiros de Martim Affonso. Descobrir es

sas ligações é recapitular a historia do Brasil. Só os descendentes provados de João Ramalho e Antonio Rodrigues devem orcar por duzentos mil, calculavamos ha pouco numa roda de estudo. Usos em S. Paulo. E os das filhas de Piqueroes e Tibiriçá, as lindas cunhas indigenas, cuja belleza assignalam os primeiros cronistas, e foram as mães dos primeiros paulistas? E os dos tripulantes da Armada que aqui se acasalaram?

Toda essa "gens" martim-affonsina se espraiou no Brasil pela epopeia bandeirante. A' propoção que alargava o territorio, fixava-se e multiplicava-se. Ita Silva Prado no interior do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul, Mendes de Almeida, na Alta Amazonia e nos sertões maranhenses. Estão ahi representado o sangue de João Ramalho e Antonio Rodrigues, Tibiriçá e Piqueroes.

Levantar esse cadastro é uma tarefa que se impõe aos brasileiros. Será a melhor resposta a quem nos accusar de raça inferior.

Grande honra me liberalisastes, convidando-me para vogal desta sollemnidade. Esta angra esmeralda, suave como a curva do selo donde jorrou o leite que aplacou os vagidos do primeiro brasileiro, sobre cujo berço velassem as conquistas millenarias da civilização, é um symbolo. Aqui, pela primeira vez, abrigou-se esse berço á sombra dos poderes divinos e humanos, conjugados para acompanhar e defender a nossa infinita fraqueza ao longo de todas as vicissitudes da passagem na terra. Ligando o meu nome a este centenário daes o melhor premio que podia almejar a minha insignificancia, em que só uma coisa se salva: a mais entranhada das devoções pelo Brasil.

"Cellula Mater" é o brasão de S. Vicente e nenhum outro lhe quadriera melhor. Foi aqui que realmente nasceu o Brasil, porque o Brasil só começou a ser Brasil depois de organizado pelas forças eternas da civilização.

Daqui subiram, vingando os ataques e mangues do Cubatão e os petiscos e petamboras da Serra do Mar, os primeiros mulecos, precursores e paes da raça de gigantes, que, bandeirando ouro e escravos, conquistaram a nossa immensidade territorial, legando-nos, na expressão de Joaquim Nabuco, uma das maiores casas da terra. Tomol-a gávido manter até hoje, mau grado todas as abalos sismicos que perturbam por vezes a marcha normal dos nossos destinos. Compreender o que é S. Vicente na historia do Brasil é retemperar a energia para continuarmos a manter, acima de todas e quaisquer dissensões, a integridade e a cohesão que fazem a nossa grandeza. Essa integridade, essa cohesão, motivo do mais legitimo dos orgulhos, recebemo-las intactas de nossos paes. Intactas temol-as de transmitir ás mãos de nossos filhos.

Ave. S. Vicente! "Cellula Mater" de S. Paulo! Ave. S. Vicente, "Cellula Mater" do Brasil!

U Estado 28-I-932

Emp 21.8.61